

DE LEPROSA À HANSENÍASE: UMA ANÁLISE LEXICOLÓGICA DE BASE SÓCIO-HISTÓRICA

FROM "LEPROSA" TO "HANSENÍASE": A SOCIOHISTORICAL-BASED LEXICOLOGICAL ANALYSIS.

Marcus Dores*
marcusdores@gmail.com

Cecília Toledo**
ceciliavstoledo@gmail.com

Este artigo investigou como se deu a concorrência entre as palavras *lepra* e *hanseníase* nas décadas de 1970 e 2000. A pesquisa foi realizada em quatro etapas: (1) levantamento das ocorrências das palavras *lepra* e *hanseníase* na base digital do *Jornal do Brasil*; (2) observação do surgimento do neologismo (*hanseníase*), da sua difusão e do processo de mudança na frequência de uso das palavras; (3) escolha de duas sincronias, uma antes (1970) e outra depois (2000) da inversão da frequência; (4) análise da ocorrência das palavras em 100 textos de cada sincronia. Os dados mostraram que a palavra *hanseníase* apareceu pela primeira vez no *Jornal do Brasil* em 1970 – período de origem da reforma sanitária. Em 2000 – ano em que já se falava sobre a cura da doença – a palavra *hanseníase* ultrapassou a palavra *lepra*, no *corpus*. Os resultados alcançados revelaram que houve uma mudança de percepção social da doença no Brasil. A palavra *hanseníase* surgiu em um momento de luta pelo tratamento de doenças endêmicas. Com a descoberta da cura da doença, o neologismo ganhou força e se encaixou no léxico do português. A partir desses resultados, pretendeu-se mostrar que o estudo do léxico deve considerar fatores linguísticos e sociais, como sugerido pela lexicologia sócio-histórica.

Palavras-chaves: léxico, sociedade, lexicologia sócio-histórica, *lepra*, *hanseníase*

This paper investigates the competition between the words *lepra* (*leprosy*) and *hanseníase* (*Hansen's disease*) in Brazilian Portuguese in the 1970s and 2000s. The Our research had

* Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil. Bolsista CNPq.

** Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil. Bolsista CAPES.

Agradecemos ao Prof. Dr. César Nardelli Cambraia, pela leitura crítica do texto inicial. Destacamos, entretanto, que quaisquer falhas deste texto são de nossa inteira responsabilidade.

four steps: (1) gathering *lepra* and *hanseníase* tokens from the Jornal do Brasil digital database; (2) observing the emergency, the diffusion, and the frequency of usage of the neologism (*hanseníase*); (3) selecting two synchronies – the first one before (1970) and the other one after (2000) the token frequency inversion; (4) analysing the words occurrence in 100 texts for each synchrony. According to the analysed data the word *hanseníase* was first registered in the database in 1970 – during the sanitary reform. In 2000 – when the tendency to assess was the cure for the disease – the word *hanseníase* was more frequent than *lepra* in the corpus. The results indicate a change of perception of the disease in Brazil. The word *hanseníase* was created in a period of fight against endemic diseases. With the chance of a cure for the disease, the neologism got stronger and became part of the Brazilian Portuguese lexicon. With the results it was intended to show that the study of the lexicon must consider linguistic and social factors, as it is suggested by the Socio-historical Lexicology.

Keywords: lexicon, society, socio-historical lexicology, *leprosy*, *Hansen's disease*

*

A palavra é a pedra de toque da linguagem humana.
(Biderman 1998, p. 81)

1. Introdução

O objetivo do presente artigo é analisar como se deu a concorrência das palavras *lepra* e *hanseníase* nas décadas de 1970 e 2000. Sustentando-se nos postulados da lexicologia sócio-histórica, pretende-se recuperar um pouco da história e registrar as duas palavras para contribuir, de alguma forma, com os estudos da área da lexicologia. Santos (2013, p. 415, grifos do autor) aponta que “a *lepra* tem muitos sinônimos no Brasil (como *morféia*, *hanseníase*, *elefantíase-dos-gregos*)”. Porém, este trabalho dará destaque apenas para os itens lexicais *lepra* e *hanseníase*.

Para tanto, este texto é organizado em cinco seções, para além desta introdução. Na seção 2, elabora-se uma síntese dos trabalhos teóricos que fundamentaram esta pesquisa; na seção 3, apresenta-se o tema, levando em consideração o percurso histórico da palavra *hanseníase*; na seção 4, descreve-se a metodologia utilizada; na seção 5, analisam-se os dados; por fim, na seção 6, as considerações finais são apresentadas e seguidas das referências.

2. Aporte teórico

De forma geral, a lexicologia pode ser definida como a ciência que estuda o léxico – conjunto de palavras que compõem uma determinada língua (cf. Cambraia 2015a). Uma das abordagens, reconhecida no campo de pesquisas lexicológicas, é a lexicologia social, de Georges Matoré. Para Matoré (1973, p. 7), “[a] palavra não está isolada na consciência. Ela faz parte de um contexto, de uma frase, que, em parte, a determina; ela está também ligada a outras palavras que se assemelham a ela seja pela forma ou pelo som; seja pelo sentido”.

Ao afirmar que a organização do léxico se dá por meio de relações entre palavras, Matoré se aproxima da noção estruturalista de *sintagma* e *paradigma*. A relação que uma palavra estabelece com as palavras próximas em uma determinada frase é denominada, por Saussure, de relação *sintagmática*. Por outro lado, a semelhança entre a forma, o som ou o sentido dos itens lexicais permite a existência da relação *paradigmática* (cf. Cambraia 2013, p. 161).

Segundo Cambraia (2013, p.161), Matoré aproxima-se de algumas ideias saussurianas, mas afasta-se do estruturalismo ao considerar o fator social. Enquanto a teoria estruturalista se sustenta no princípio de que a língua pode ser descrita estritamente do ponto de vista interno, sistemático (cf. Costa 2012, p. 115), a lexicologia social pressupõe que as palavras sempre possuem um valor social, visto que a partir do estudo do vocabulário é possível explicar uma sociedade (cf. Matoré 1973 *apud* Cambraia 2013, pp. 160-161).

Outra diferença entre a proposta de Matoré e as ideias estruturalistas está na maneira de conceber os conceitos de *sincronia* e *diacronia*. Normalmente, uma pesquisa linguística utiliza de métodos sincrônicos ou diacrônicos na análise de dados. Saussure, ao destacar essa dicotomia metodológica, prioriza o estudo do sincrônico, alegando que “os falantes não têm informações acerca da história de sua língua e não precisam ter informações etimológicas a respeito dos termos que utilizam no dia a dia.” (Costa 2012, p. 118). Em contrapartida, Matoré (1973 *apud* Cambraia 2013, p. 162) afirma ser “difícil adotar, sem modificação, a concepção estática de Saussure; parece impossível abstrair a palavra do fator tempo, pelo fato de ser impossível isolar um elemento das operações que o produziram”. Em síntese, a lexicologia social caracteriza-se, principalmente, por valorizar a sociedade no estudo do léxico.

Apesar de o caráter social ser um ponto relevante e inovador nos estudos lexicológicos, a proposta de Matoré foi altamente criticada. Entre as críticas,

pode-se destacar o fato de que a abordagem de Matoré descuida do linguístico, isto é, sua análise ressalta o social, deixando os critérios linguísticos de lado (cf. Cambraia 2013, p. 164). Além de apresentar as críticas de vários autores (Coseriu 1967; Geckeler 1976; Gordon 1982; Spencer 1961; Jordan 1973; Robin 1977), Cambraia (2013) também critica a abordagem de Matoré. Entre suas críticas, destaca-se a vaguidão da palavra *sociedade*. Matoré “parte de um pressuposto equivocado de homogeneidade da realidade social” e, por isso, considera que “o léxico de uma parcela é suficiente para representar o todo” (Cambraia 2013, p. 167).

Tendo em vista a quantidade de críticas à lexicologia social, Cambraia (2013, p. 184) propõe um estudo do léxico que articule os critérios linguísticos e extralinguísticos. Além disso, o autor argumenta a favor de uma lexicologia mais dinâmica que considere a compreensão das mudanças e que se sustente nos pressupostos labovianos de articulação entre a linguística histórica, a sociolinguística e a dialetologia. Essa lexicologia o referido autor nomeia como lexicologia sócio-histórica.

A partir da apresentação do aporte teórico, é possível compreender melhor o objetivo deste trabalho. Considerando os pressupostos da lexicologia sócio-histórica, objetiva-se analisar o percurso histórico e social das palavras *lepra* e *hanseníase*, a fim de verificar-se se o contexto social influencia o comportamento de ambas as palavras. Visa-se, portanto, articular o linguístico e o social, de maneira a entender o papel da sociedade no comportamento do léxico. Espera-se encontrar resultados que indiquem uma mudança de padrões sociais. Como hipótese, tem-se que a palavra *hanseníase* passou a ser mais utilizada do que a palavra *lepra* em um período em que se visavam mudanças na percepção de uma realidade social. Nas próximas seções, será apresentado um estudo de caso das palavras *lepra* e *hanseníase*, cujo intuito é apurar a hipótese aqui levantada e contribuir com a perspectiva sócio-histórica de se estudar o léxico.

3. Apresentação do tema: um percurso histórico da doença

Fazem parte da história da humanidade ruínas provocadas por desastres ecológicos, guerras e epidemias. Ao olhar para o passado, é possível destacar diversas doenças responsáveis pela destruição massiva de certos grupos. A peste negra, a varíola, a malária, a cólera, a tuberculose e a lepra são exemplos de doenças que marcaram tragicamente a história da humanidade. As

doenças, sobretudo as contagiosas, interferem diretamente nas relações sociais. Os portadores dessas doenças, além de carregarem a enfermidade, carregam o estigma provocado pela possibilidade de transmissão e, muitas vezes, pela falta de cura.

Como já mencionado, o foco deste trabalho é discutir a mudança de nomeação da doença de *lepra* para *hanseníase*. Já nos relatos bíblicos, de forma especial no Velho Testamento, a palavra *lepra* era empregada. Diferentes passagens apontam para o fato de que essa “praga” era “enviada por Deus para repreender o povo desobediente” (Bíblia, Levítico, 14, 34).

O *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* traz as seguintes definições para *lepra* e *hanseníase*, respectivamente:

Lepra - (nome substantivo feminino) 1. Rubrica: história da medicina. Na Antiguidade, designação de diversas doenças de pele, especialmente, as de caráter crônico ou contagioso; 2. Rubrica: infectologia. Mesmo que hanseníase; 3. Uso: informal. Sarna de cachorro; 4. Derivação: sentido figurado. Qualquer coisa cujos efeitos perniciosos e contagiosos são comparáveis aos da lepra - Ex.: o laxismo é a lepra de nossa era; 5. Derivação: sentido figurado / Regionalismo: Sul do Brasil. Pessoa má, imprestável; 6. Rubrica: futebol / Uso: informal. Jogador ruim, inábil. (Lepra 2009)

Hanseníase - (nome substantivo feminino) Rubrica: infectologia. Doença infecciosa crônica causada pelo *Mycobacterium leprae* ou bacilo de Hansen, que se inicia, após uma incubação muito lenta, por pequenas manchas despigmentadas onde a pele é insensível e não transpira, e evolui para a forma tuberculosa (a mais comum), lepromatosa ou ainda intermediária; lepra. (Hanseníase 2009)

As acepções do dicionário *Houaiss* evidenciam que a definição da palavra *hanseníase* é mais técnica do que a definição da palavra *lepra*. Um exemplo disso é a indicação do microrganismo *Mycobacterium leprae* como causador da doença. Já a definição de *lepra* possui sentido mais genérico do que a definição de *hanseníase*, por mencionar que a palavra *lepra* pode designar diversas doenças de pele e por indicar alguns sentidos conotativos.

Ainda para ilustrar o caráter hiperonímico¹ da palavra *lepra*, segue a definição, extensa e detalhada, apresentada por Bluteau (1728, grifamos):

1 Para definir hiperônimo toma-se o trabalho de Cançado (2005): “o item lexical mais específico, que contém todas as outras propriedades, é chamado de hipônimo; o item lexical que está contido nos outros itens lexicais, mas não contém nenhuma das outras propriedades da cadeia, o termo mais geral, é chamado de hiperônimo”.

LEPRA: **Mal contagioso, e affecto venenoso, originado de hũa depravada sanguificação, que corrompe o estado natural do corpo.** Avicenna lhe chama **‘Doença universal, e cancro universal’.** [...] Muitos confundem ‘Lepra’ com ‘Elephantiasis’, suppondo que huma, e outra he huma só doença. Mas no cap. 32. do livro de ‘Vittis Sermonis’, diz Vossio que são males muito diversos, e que ‘Elephantiasis he o que os Latinos chamão ‘Vitiligo’, que são hũas nodoas brancas com desigualdade, e aspereza na pelle, como na do elephante, e por esta razão os Gregos a chamãrão ‘Elephantiasis’. E cõfirmando o seu dito alega este Author o cap. 25. do livro 3. de Celso, onde este antigo Medico faz muita differença da lepra ao que chamão em Grego ‘Elephantia’, ou como outros querem, ‘Elephantiasis’, posto que o mesmo **Vosso no seu livro das Etymologias da lingua Latina diz que ‘Elephantiasis’ he huma especie de lepra.** ‘Ad elephanto quo que lepræ genus dicitur Elephantiasis.’ [...] **O grande Etymologista Grego, explicando a palavra ‘Elephantiasmos’, diz que he o mesmo que Lepra.** Mas attendendo ao que dizem Plinio, Celso, Fernelio, e outros, para conciliar estas opiniões eu dissera que na realidade **‘Elephantiasis’ he huma especie de lepra, mas muito mais hedionda, e horrivel, do que a lepra cõmua;** tanto assim, que se tem observado que os feridos desta horrivel lepra, tem o sangue cheyo de corpusculos brancos, e luzidios a modo de grãos de milho, que ficão separados do mesmi sangue depois de lavado, e philtrado. [...] ² (Lepra, 1728)

O trecho bíblico e as definições dos dicionários, ora apresentados, mostram quão antigo é o caráter “negativo” da palavra *lepra*. Na tentativa de diminuir o estigma em torno da doença, diferentes medidas foram tomadas, entre elas a criação da Lei de número 9.010/95 que “dispõe sobre a terminologia oficial relativa à hanseníase e dá outras providências”. Os dois primeiros artigos da lei (Brasil 1995) trazem as seguintes informações:

Art. 1º A palavra “Lepra” e seus derivados não poderão ser utilizados na linguagem empregada nos documentos oficiais da Administração centralizada e descentralizada da União e dos Estados-membros.

Art. 2º Na designação da doença e de seus derivados, far-se-á uso da terminologia oficial constante da relação abaixo:

Terminologia Oficial Terminologia Substituída

Hanseníase / Lepra;

Doente de Hanseníase / Leproso, Doente de Lepra

Hansenologia / Leprologia

Hansenologista / Leprologista

Hansênico / Leprótico

² Transcrição nossa. Optou-se por manter a ortografia, a pontuação e acentuação o mais próximo do original.

Hansenóide / Lepróide
Hansênide / Lépride
Hansenoma / Leproma
Hanseníase Virchoviana / Lepra Lepromotosa
Hanseníase Tuberculóide / Lepra Tuberculóide
Hanseníase Dimorfa / Lepra Dimorfa
Hanseníase Indeterminada / Lepra Indeterminada
Antígeno de Mitsuda Lepromina
Hospital de Dermatologia Leprosário, Leprocômio
Sanitária de Patologia Tropical ou Similares.

Sobre essa lei, Carvalho (2015, p. 555) aponta que

Um ponto importante no processo de ressignificar a enfermidade, procurando torná-la menos temível, foi a mudança na nomenclatura e na forma de se referir a seu portador: de lepra para hanseníase e de leproso para hanseniano. [...] somente em 1995, com a lei federal n.9.010, o uso do termo lepra e suas variações foi proibido nos documentos oficiais –, é importante mencioná-lo, tendo em vista que as discussões que levaram a esse desfecho se iniciaram após a comprovação da eficácia terapêutica das sulfonas, no final da década de 1940. Com isso, pode-se compreender como as transformações no campo da história das doenças resultam de discussões e negociações que se processam lentamente.

A Lei oficializou, portanto, a substituição da palavra *lepra* e seus derivados para *hanseníase* em documentos oficiais. O neologismo *hanseníase* foi criado por um processo de formação de palavras muito produtivo em língua portuguesa, a derivação sufixal. Nesse processo, adjunge-se um sufixo a um termo primitivo, e forma-se, assim, uma nova palavra (cf. Alves 2007). No caso de *hanseníase*, toma-se o nome de Gerhard Arnauer Hansen, médico e botânico norueguês responsável pela identificação do *Mycobacterium leprae* como o agente causador da doença, e soma-se o sufixo *-íase*, formador de palavras relacionadas a doença: *Hansen-* + *-íase* (suf.) = *Hanseníase*. Mesmo criando-se uma palavra nova e estabelecendo-se uma nova lei, não há como impor uma mudança lexical na língua, pois toda mudança linguística é contínua, lenta e gradual (cf. Faraco 2005).

A seguir, apresenta-se a metodologia utilizada tanto para verificar como se deu a emergência do neologismo *hanseníase*, no *corpus*, quanto para analisar a competição de ambas as palavras no processo de implementação do item novo.

4. Metodologia

De acordo com Matoré (1973, p. 3):

Um método só pode evidentemente ser fixado após a determinação do próprio objeto da ciência. Não sendo efetuada esta determinação, nenhum método pode ser-lhe proposto. A lexicologia ficou restrita por longo tempo às constatações. Assim, estas só se justificam se elas são completadas pela procura das causas, que permanece alheia a muitos autores de trabalhos cujos conhecimentos estão fundados sobre uma análise insuficiente dos fatos, considerados como contingentes e irredutíveis à síntese.

Após criticar os métodos utilizados na lexicologia, Matoré (1973) propõe uma metodologia que descreva o léxico de uma determinada época, relacionando-o com fatores sociais. Para compreender o método de Matoré, é necessário lançar mão de dois conceitos: *campos nocionais* e *palavras-testemunho*. Matoré (1973) define *campo nocional* como um conjunto de palavras “que mantêm entre si relações complexas” (p. 7). Portanto, não faz sentido estudar uma palavra isolada, visto que é “apenas em função dos conjuntos que a pesquisa lexicológica deve ser conduzida” (p. 7). Os elementos que constituem o campo nocional são chamados de *palavras-testemunho*. A *palavra-testemunho* se caracteriza para além do “seu valor estático no interior do grupo”, pois ela é o “símbolo da mudança”; o “neologismo [e] a mutação brusca que lhe dá nascimento é o sinal de uma nova situação social econômica, estática, etc.” (p. 8).

Tendo compreendido os dois conceitos definidos acima, é possível assimilar o método de Matoré. Cambraia (2013) sintetiza esse método da seguinte forma: primeiramente, devem-se estabelecer recortes temporais considerando datas importantes da história de uma determinada língua. Com os recortes selecionados, devem-se definir os *campos nocionais*, escolhendo *palavras-testemunho*. Como o número de *palavras-testemunho* pode ser consideravelmente grande, Matoré (1973) propõe que a classificação dessas palavras seja feita “partindo de uma noção de caráter social, exprimindo de maneira sintética a época estudada” (p. 9). Considerando os indícios sociais, as *palavras-testemunho* devem ser divididas hierarquicamente entre principais e secundárias.

Após fazer a síntese da metodologia de Matoré, Cambraia (2013) reformula algumas partes, dando ao método um caráter mais dinâmico de evolução da

língua. Para o autor, é necessário observar não só a criação de um neologismo, mas também a difusão desse neologismo em uma determinada época, pois são vários os aspectos do léxico que representam as transformações sociais (cf. Cambraia 2013, p. 184). A metodologia deste trabalho baseou-se nas ideias de Cambraia (2013). Por meio de um estudo de caso, pretende-se mostrar que a lexicologia pode ser trabalhada em um âmbito social, sem que se abra mão dos fatores internos à língua.

Portanto, para realizar uma análise sócio-histórica das palavras *lepra* e *hanseníase* utilizou-se de uma base de dados digital, que conta com edições de onze décadas (1890-2000) do *Jornal do Brasil*³. Como sugerido em Matoré (1973), foram escolhidos dois recortes de tempo, considerando-se os seguintes critérios: a década em que a palavra *hanseníase* começa a ser significativamente utilizada no banco de dados (1970) e a década em que a frequência da palavra *hanseníase* ultrapassa a frequência da palavra *lepra* (2000). A Tabela 1 ilustra os recortes de tempo escolhidos:

Tabela 1. Frequência de ocorrência das palavras *lepra* e *hanseníase*

Década	Valor Absoluto		Valor relativo	
	Lepra	Hanseníase	Lepra	Hanseníase
1890	220	0	100%	0%
1900	690	0	100%	0%
1910	673	0	100%	0%
1920	1068	0	100%	0%
1930	1529	0	100%	0%
1940	1165	0	100%	0%
1950	876	0	100%	0%
1960	421	2	100%	0%
1970	463	67	87%	13%
1980	316	130	71%	29%
1990	171	153	53%	47%
2000	95	180	35%	65%

3 Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>

A partir dos valores relativos listados na tabela acima, foi possível construir um gráfico, o que ajudou a visualizar, ainda mais, a escolha das sincronias 1970 e 2000.

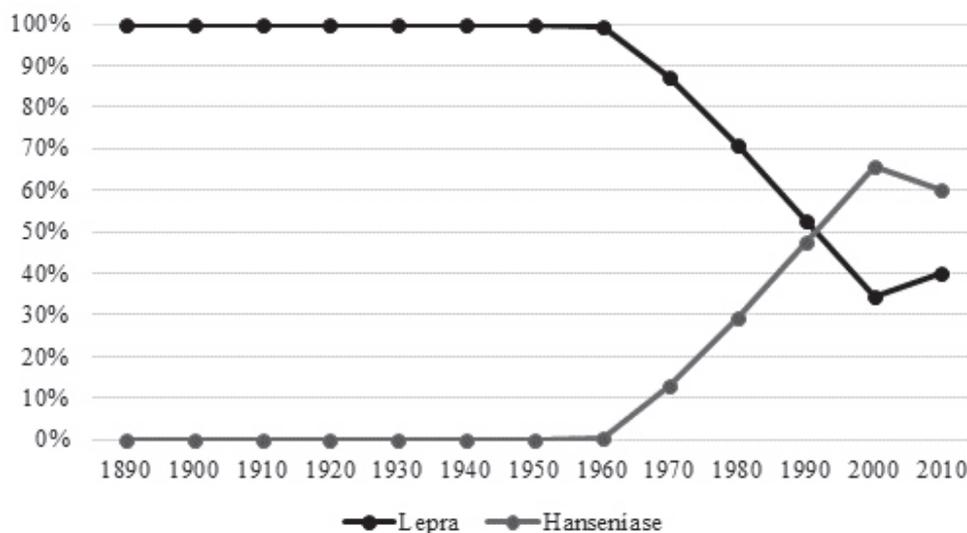


Figura 1. Gráfico da frequência relativa

A Tabela 1 e o gráfico exposto na Figura 1 mostram que, apenas na década de 1960 (com duas ocorrências de *hanseníase*), a palavra *lepra* deixa de ser categórica no acervo do jornal analisado. A partir de 1970, a palavra *hanseníase* aparece com mais frequência nos jornais e, em 2000, *hanseníase* ultrapassa *lepra*, com 180 realizações (65%). Para se levantar o *corpus* deste trabalho, utilizou-se o valor relativo de ocorrência das palavras nas décadas escolhidas:

Tabela 2. Valor relativo de ocorrência das palavras *lepra* e *hanseníase* nas décadas de 1970 e 2000.

	LEPRA	HANSENÍASE	Total
1970 (valor relativo)	87%	13%	100%
1º grupo	87 textos com a palavra lepra	13 textos com a palavra hanseníase	100 textos
2000 (valor relativo)	35%	65%	100%
2º grupo	35 textos com a palavra lepra	65 textos com a palavra hanseníase	100 textos

Vale ressaltar que a coleta dos textos foi feita seguindo a ordem da hemeroteca: foram escolhidos os 100 primeiros textos de cada época. No entanto alguns textos foram desconsiderados, a saber: textos de má qualidade (baixa resolução das imagens ou com outros problemas de digitalização); textos em que as palavras analisadas estavam descontextualizadas (seção de jogos, por exemplo) e textos em que as palavras faziam parte de nomes próprios (instituições, campanhas e titulações).

Após a seleção dos 200 textos, foi preciso, com o auxílio do software *ABBYY FineReader 14*, converter todos os textos das imagens coletadas na base da Hemeroteca Digital para o formato *txt.*, para que, posteriormente, eles fossem lidos por um segundo programa, o *AntConc* – software com ferramentas de análise de *corpus* para concordância e análise textual.

Por meio dos recursos do *AntConc*, foi possível estabelecer listas com as palavras mais frequentes de cada sincronia, considerando separadamente as ocorrências da palavra *lepra* e as ocorrências da palavra *hanseníase*. Essas listas serão apresentadas e analisadas na próxima seção deste trabalho.

5. Descrição e análise dos dados

Na primeira visita aos jornais, tinha-se como predição que as palavras *lepra* e *hanseníase* estariam presentes apenas nos cadernos de saúde. No entanto, com o avanço da pesquisa, notava-se que as palavras transitavam por diversos cadernos: política, religião, cultura, educação e, é claro, saúde. Nos textos da década de 1970, por exemplo, a palavra *lepra* aparece em analogia à ideia de exclusão das mulheres da Academia Brasileira de Letras:

Só a Academia Brasileira tem sempre a mesma forma ou fôrma, com o aviso do lado de fora: “Mulheres, passem ao largo” [...] Simples sociedade de cavalheiros quase todos amáveis e amenos, que cá fora se correspondem amiudadamente com as damas, através dos diferentes veículos de comunicação, deliciando-se mesmo com a doce companhia delas, mas que lá dentro as evitam como **lepra**. (JB, 26 jan. 1971, caderno B, p. 8, grifamos)

Além de analogias a diversos assuntos, encontram-se textos em que *lepra* carrega o sentido amplo de praga:

O Senador Mem de Sá afirmou ontem em Porto Alegre, durante um banquete em sua homenagem, que a intervenção do poder econômico no processo eleitoral

“é uma **lepra da democracia**, que celeremente a desintegrará, tanto aqui no Brasil como em qualquer nação que a tolere, como é, superlativamente, o caso dos Estados Unidos”. (JB, 22 dez. 1970, 1º caderno, p. 4, grifamos)

O interesse deste artigo é compreender o lugar do léxico no percurso histórico da sociedade brasileira. Por isso, optou-se por manter ocorrências como as mencionadas anteriormente, pois entende-se que o sentido amplo de *lepra* também declara o valor pejorativo da palavra. Além disso, o fato de a palavra *lepra* aparecer no jornal com sentidos conotativos confirma seu caráter hiperônimo, mencionado na seção 3 deste texto.

Além de atentar-se para as palavras *lepra* e *hanseníase*, buscou-se analisar as palavras lexicais que apareciam frequentemente no *corpus*. Para analisar somente palavras lexicais, inseriu-se, no programa *Antconc*, uma lista de exclusão, contendo palavras gramaticais (pronomes, advérbios não terminados em -mente, numerais, conjunções, preposições, interjeições e artigos) e os verbos auxiliares *ser*, *estar*, *ter* e *haver*.

A fim de investigar como se deu a difusão do neologismo *hanseníase* no Brasil, listaram-se as 25 lexias mais frequentes em cada sincronia escolhida. De acordo com Pottier, Audubert e Pais (1972, pp. 26-27), lexia

é a unidade lexical memorizada. O locutor quando diz: “quebra galho”, “Nossa Senhora”, “pelo amor de Deus”, “bater as botas” [...] não constrói essa combinação no momento em que fala, mas tira o conjunto de sua “memória lexical”, da mesma forma que “branco”, “livro”... Assim, “pé de cabra” pode ser uma lexia, no sentido de ferramenta [...].

Rezende e Paula (2016, p. 502), por sua vez, definem lexia simples como “uma unidade grafada em uma única sequência separada por dois espaços brancos”. A seguir, apresentam-se, em ordem cronológica, quatro listas das lexias mais frequentes nas décadas de 1970 e 2000 (Quadros 1 e 2). As lexias estão listadas de acordo com a frequência de ocorrência.

Quadro 1. As 25 lexias mais frequentes do corpus de lepra e hanseníase da década de 1970

LEPRA			HANSENÍASE		
	Nº de ocorrências	Lexias		Nº de ocorrências	Lexias
1	234	Saúde	1	172	Saúde
2	80	Doença	2	76	Tratamento
3	74	Anos	3	68	Vacina
4	64	Doenças	4	51	Lepra
5	58	Ministério	5	48	Região
6	54	Médico (16 adj. + 38 sub.)	6	43	Meningite
7	50	Nacional	6	43	Ano
7	50	País	8	49	Doença
9	47	Casos	9	39	Doenças
10	45	Ministro	10	34	Sanitária
10	45	Médicos (adj. 8 + sub. 37)	11	32	Anos
12	43	Trabalho	12	31	Leprosos
13	42	Tuberculose	12	31	Programa
13	42	Tratamento	14	28	Tuberculose
15	38	Ano	15	27	Médico (sub)
15	38	Disse	16	26	Ministério
15	36	Leprosos	17	25	Mortalidade
18	35	Doentes	17	25	Vacinação
18	35	Grande	19	24	Casos
18	35	Hospital	19	24	Doentes
21	33	Número	19	24	Infantil
21	33	Pessoas	22	23	Política
21	33	Professor	22	23	Sanatórios
21	33	Pública	24	22	Secretaria
25	32	População	25	21	Departamento

«Quadro 2. As 25 lexias mais frequentes do *corpus* de *lepra* e *hanseníase* da década de 2000

LEPRA			HANSENÍASE		
	Nº de ocorrências	Lexias		Nº de ocorrências	Lexias
1	56	Anos	1	172	Saúde
2	54	Saúde	2	76	Doença
3	42	Doença	3	68	Anos
4	36	Hanseníase	4	51	Caso
5	32	Pessoas	5	48	Tratamento
6	31	Tratamento	6	43	Governo
7	27	Governo	6	43	Ministério
8	25	Casos	8	49	Tuberculose
8	25	Mundo	9	39	País
10	24	Campanha	10	34	Programa
11	25	Presidente	11	32	Presidente
12	22	País	12	31	Pessoas
13	21	Política	12	31	População
14	19	Pode	14	28	Número
15	18	Cura	15	27	Pacientes
16	16	Tempo	16	26	AIDS
17	15	Doentes	17	25	Dia
17	15	Remédios	17	25	Falta
19	14	Pele	19	24	Nacional
20	13	Fim	19	24	Programas
20	13	Novos	19	24	Recursos
20	13	Pobres	22	23	Atendimento
20	13	Democracia	22	23	Mundo
24	12	Hospital	24	22	Ações
25	11	Colônia	25	21	Mundial

A partir da análise das lexias listadas nos quadros anteriores, já seria possível encontrar resultados significativos. No entanto, é possível descrever o léxico por meio de lexemas. Lexema é uma unidade abstrata do léxico que agrupa formas flexionadas de um mesmo paradigma (cf. Biderman 1996). Por exemplo: a palavra *professor* e suas flexões *professora*, *professores* e *professoras* estão agrupadas no lexema PROFESSOR. Neste artigo, optou-se por representar os lexemas com letras maiúsculas. Cambraia (2015b, p. 31) defende que “o nível dos lexemas é o mais relevante para quantificar diferença no volume de informação de um texto”. Por essa razão, fez-se a opção de trabalhar com esse nível de descrição lexical. Assim, serão analisados os 25 lexemas mais frequentes do conjunto de textos de cada sincronia (Quadros 3 e 4).

Quadro 3. Os 25 lexemas mais frequentes do corpus de *lepra* e *hanseníase* da década de 1970

LEPRA			HANSENÍASE		
	Nº de ocorrências	Lexemas		Nº de ocorrências	Lexemas
1	234	SAÚDE	1	41	SAÚDE
2	144	DOENÇA	2	29	TRATAMENTO
3	112	ANO	3	28	DOENÇA
4	75	MÉDICO (sub.)	4	27	VACINA
5	70	PAÍS	5	26	ANO
6	62	HOSPITAL	6	21	REGIÃO
7	60	MINISTÉRIO	7	18	LEPRA
8	58	PÚBLICO	8	16	MÉDICO (sub)
9	52	DOENTE	8	16	MENINGITE
10	51	NACIONAL	10	15	DOENTE
10	51	MÉDICO (adj.)	10	15	SANITÁRIO
12	50	MINISTRO	10	15	LEPROSO
12	50	TRABALHO	13	13	PROGRAMA
14	48	GRANDE	14	11	TUBERCULOSE
15	47	CASO	15	10	MINISTÉRIO
16	44	TRATAMENTO	15	10	MORTALIDADE
16	44	LEPROSO	15	10	VACINAÇÃO
16	44	PROFESSOR	15	10	SECRETARIA
19	42	TUBERCULOSE	19	9	CASO
20	40	DIZER	19	9	INFANTIL
21	36	PESSOA	19	9	POLÍTICA
22	35	NÚMERO	19	9	SANATÓRIO
23	34	POPULAÇÃO	23	8	DEPARTAMENTO
24	32	TEMPO	23	8	MINISTRO
25	30	MUNDO	23	8	TÉTANO

Quadro 4. Os 25 lexemas mais frequentes do corpus de lepra e hanseníase da década de 2000

LEPRA			HANSENÍASE		
	Nº de ocorrências	Lexemas		Nº de ocorrências	Lexemas
1	89	ANO	1	172	SAÚDE
2	81	DOENÇA	2	131	DOENÇA
3	54	SAÚDE	3	111	ANO
4	42	PESSOA	4	58	PROGRAMA
5	36	HANSENÍASE	5	51	CASO
6	33	PODER	5	51	TRATAMENTO
7	32	NOVO	5	51	PAÍS
8	31	TRATAMENTO	8	49	TUBERCULOSE
9	30	CAMPANHA	9	48	GOVERNO
10	28	GOVERNO	10	46	MINISTÉRIO
11	26	PRESIDENTE	11	41	PESSOA
12	25	CASO	12	33	PACIENTE
12	25	MUNDO	13	32	PRESIDENTE
14	24	POLÍTICA	13	32	POPULAÇÃO
15	22	PAÍS	15	30	NÚMERO
15	22	TEMPO	15	30	AÇÃO
17	18	POBRE	17	29	DIA
18	19	CURA	18	26	AIDS
19	17	DOENTE	19	25	FALTA
19	17	REMÉDIO	19	25	ATENDIMENTO
20	16	HOSPITAL	21	24	NACIONAL
22	14	PELE	21	24	RECURSO
22	14	FIM	23	23	MUNDO
24	12	DEMOCRACIA	24	21	MUNDIAL
25	11	COLÔNIA	25	20	PÚBLICO

Ao se compararem os Quadros 1 e 2 (lexias) com os Quadros 3 e 4 (lexemas), nota-se que há diferença na frequência de ocorrência das palavras. Por exemplo: no Quadro 2, a lexia *peessoas* ocupa o quinto lugar da lista de palavras que coocorrem com *lepra*. Já no Quadro 4, o lexema PESSOA ocupa o quarto lugar da lista de palavras que coocorrem com *lepra*. Nota-se, portanto, que o trabalho de descrição no nível dos lexemas interferiu na frequência de ocorrência das palavras, já que houve o agrupamento de lexias em um mesmo paradigma.

Outra diferença entre as listas de lexias e as listas de lexemas é a quantidade de itens lexicais inseridos em cada lista. Todas as listas possuem 25 dados, mas as listas compostas de lexemas (Quadros 3 e 4) possuem alguns itens que não estão presentes nas listas de lexias (Quadros 1 e 2). Por exemplo, *ministro* e *tétano* fazem parte da lista de lexemas que coocorrem com *hanseníase* em 1970 (Quadro 3), mas não fazem parte da lista de lexias de 1970 (Quadro 1). Portanto, pode-se dizer que, como apontou Cambraia (2015b), o trabalho com lexemas influencia no volume de informações coletadas. No entanto, esperava-se que o volume de informações aumentasse consideravelmente no trabalho com lexemas, mas poucos lexemas novos foram inseridos nos Quadros 3 e 4. Talvez, a diferença entre o nível de lexias e o nível de lexemas foi pequena devido à extensão do *corpus* desta pesquisa.

As palavras listadas nos Quadros 1, 2, 3 e 4 podem ser analisadas pela relação de sentido existente entre elas. A seguir, apresenta-se (Figura 2 e Figura 3) o campo nocional dos colocados⁴ de *lepra* e de *hanseníase* na década de 1970, respectivamente, a fim de ilustrar a relação complexa estabelecida pelos lexemas:

4 “Collocation: the co-occurrence of words or word forms in a line of text.” (Geraerts, 2010, p.170)
Tradução: Colocações: as coocorrências de palavras ou expressões numa linha do texto.

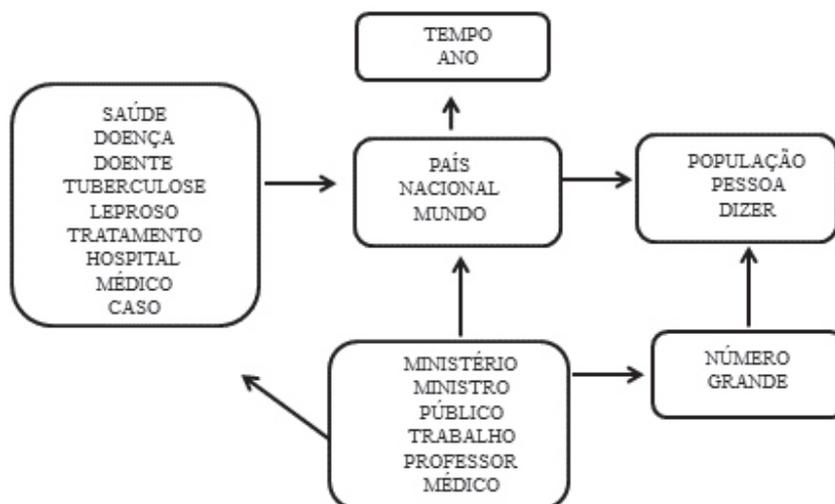


Figura 2. Campo nocional dos lexemas presentes em *Lepra* 1970

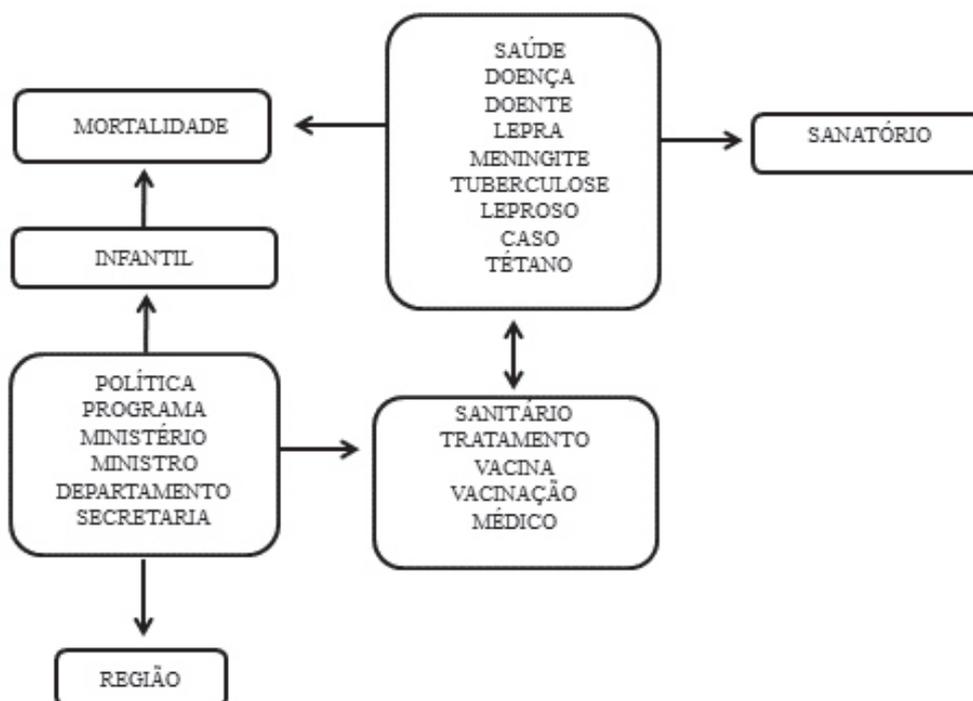


Figura 3. Campo nocional dos lexemas presentes em *Hanseníase* 1970

Os diagramas ilustrados nas Figuras 2 e 3 mostram que os campos nocionais de *lepra e hanseníase* 1970 possuem lexemas que remetem à saúde (DOENÇA, SAÚDE, DOENTE, TUBERCULOSE) e lexemas que remetem à política (MINISTÉRIO, MINISTRO, POLÍTICA, PÚBLICO). Apoiando-se apenas nessa semelhança, é possível inferir que, na década de 70, a saúde era pauta de discussões políticas. No objetivo de se confirmar a hipótese linguística, buscaram-se argumentos no extralinguístico, o contexto político e social da época analisada.

Na década de 1970, o Brasil encontrava-se sob a repressão da ditadura militar. Recentemente assumido por Médici, o governo brasileiro visava ao desenvolvimento econômico rápido, tendo em vista a conjuntura internacional. Por meio do chamado “Milagre Econômico”, o então presidente atingiu níveis altos de crescimento econômico no Brasil (*cf.* Cordeiro 2009). No entanto, enquanto a economia brasileira crescia, a crise social aumentava. No que diz respeito à saúde:

os diagnósticos realizados em escala continental, sobretudo acerca do patrocínio da Organização Pan-americana da Saúde (Opas), apontavam para um quadro sanitário preocupante que combinava baixa cobertura assistencial e disseminação de doenças marcadamente da pobreza, como as verminoses e aquelas de veiculação hídrica. (Paiva & Teixeira 2014, p. 19)

Tendo em vista a situação precária de saúde no país, a população brasileira se mobilizou em busca de mudanças. Na segunda metade dos anos 1970, deu-se origem ao movimento da reforma sanitária. Nesse período, houve “maior articulação no âmbito do MS [Ministério da saúde], que ampliou o repasse de verbas para os estados e passou a desenvolver projetos verticais direcionados ao controle de algumas doenças, como a hanseníase, a tuberculose e o câncer”. (Braga & Paula 1986 *apud* Paiva & Teixeira 2014, p. 20).

A partir do contexto social e dos dados linguísticos, confirma-se a hipótese inicial. Com o advento da reforma sanitária, na década de 1970, a saúde passou a fazer parte da agenda de movimentos políticos (*cf.* Paiva & Teixeira 2014). Portanto, o contexto extralinguístico dialoga com os dados linguísticos, mostrando que a palavra *hanseníase* surgiu no *Jornal do Brasil* em um período de luta pela melhoria da saúde brasileira.

Quadro 5. Diferenças entre as listas de lexemas do *corpus de lepra e hanseníase* da década de 1970

LEPRA			HANSENÍASE		
	Nº de ocorrências	Lexemas		Nº de ocorrências	Lexemas
1			1		
2			2		
3			3		
4			4	27	VACINA
5	70	PAÍS	5		
6	62	HOSPITAL	6	21	REGIÃO
7			7	18	LEPRA
8	58	PÚBLICO	8		
9			8	16	MENINGITE
10	51	NACIONAL	10		
10	51	MÉDICO (adj.)	10	15	SANITÁRIO
12			10		
12	50	TRABALHO	13	13	PROGRAMA
14	48	GRANDE	14		
15			15		
16			15	10	MORTALIDADE
16			15	10	VACINAÇÃO
16	44	PROFESSOR	15	10	SECRETARIA
19			19		
20	40	DIZER	19	9	INFANTIL
21	36	PESSOA	19	9	POLÍTICA
22	35	NÚMERO	19	9	SANATÓRIO
23	34	POPULAÇÃO	23	8	DEPARTAMENTO
24	32	TEMPO	23	8	
25	30	MUNDO	23	8	TÉTANO

O Quadro 5 apresenta os colocados específicos de cada lista de 1970, isto é, os colocados que não se repetem em ambas as listas. Os lexemas VACINAÇÃO, SANITÁRIA, SANATÓRIO, PROGRAMA, POLÍTICA e DEPARTAMENTO sustentam a ideia de que o surgimento da palavra *hanseníase* veio atrelado às políticas de tratamento. De acordo com o Jornal do Brasil (1972) “o Departamento Estadual da Lepra passou a ser denominado de Dermatologia Sanitária e hoje os leprosários são chamados sanatórios.” (JB, 6 mai. 1972, 1º caderno, p. 12). Com novas políticas de tratamento, era necessário que a doença lepra perdesse o estigma social. Com a criação da palavra *hanseníase*, a população poderia entender que os hansenianos não precisavam carregar o valor pejorativo impresso pela palavra *lepra*.

No sétimo lugar da lista de lexemas que coocorrem com *hanseníase*, no Quadro 5, encontra-se a palavra *lepra*. Esse fato indica que, em 1970, a palavra *lepra* estava presente, com alta frequência, nos mesmos textos em que palavra *hanseníase*. O excerto abaixo demonstra em que contexto as palavras *lepra* e *hanseníase* coocorriam, em 1970.

O Ministro da Saúde disse considerar da maior importância o combate que se fará contra a **hanseníase (lepra)** a partir do agosto próximo. Serão treinados em 30 dias 1061 agentes de saúde, que irão percorrer toda a Amazônia, localizando os hansenianos e os atingidos pela malária, que terão tratamento especial. (JB, 11 jun. 1974. 1º caderno, p. 22, *grifamos*).

De acordo com Contente & Lino (2017, pp. 702-703),

A identificação dos neologismos terminológicos não é uma tarefa fácil nem na língua corrente, nem nas línguas de especialidade; esta identificação pode ser feita através de vários processos: o critério da diacronia ajuda a recuperar os neologismos que surgem, em *corpora* textuais, num período recente e num curto espaço de tempo; o critério lexicográfico: verificação da dicionarização de uma nova unidade terminológica nos dicionários especializados ou terminológicos; o critério da novidade: uma unidade é sentida como nova pelos locutores de uma comunidade apesar de não estar dicionarizada; o critério da instabilidade: um novo conceito é denominado alternadamente por duas ou mais formas neológicas diferentes o que conduz a uma variação terminológica denominativa, por vezes com um caráter sinonímico.

Considerando o excerto do jornal as palavras das autoras supracitadas, pode-se analisar o termo *hanseníase* como um neologismo, pelas seguintes razões:

– Uma busca diacrônica comprovou que *hanseníase* apareceu pela primeira vez no Jornal do Brasil em 1970.

– Na década de 1970, a palavra *hanseníase* é instável no *corpus* do Jornal do Brasil. A palavra *lepra* aparece, em muitos casos, como sinônimo explicativo do conceito de *hanseníase*.

Ainda no Quadro 5, percebe-se que as palavras listadas dão indícios do contexto social da época. Muitas palavras se relacionam a políticas de saúde e ao movimento da reforma sanitária. Por exemplo: HOSPITAL, PÚBLICO, VACINAÇÃO e SANITÁRIO. Com isso, é possível inferir que o neologismo *hanseníase* emergiu em um contexto social de avanços na política de tratamento da doença.

Na década de 2000, a palavra *lepra* perde lugar no léxico em detrimento da palavra *hanseníase*. Nos textos analisados a coocorrência das palavras se deu da seguinte forma:

– Em 35 textos coletados para analisar a palavra *lepra*, houve 34 ocorrências da palavra *hanseníase*.

– Em 65 textos coletados para analisar a palavra *hanseníase*, houve 7 ocorrências da palavra *lepra*.

Portanto, os dados coletados mostram que na década de 2000 já não era preciso explicar o conceito da palavra *hanseníase* por meio da palavra *lepra*, visto que a palavra *lepra* quase não coocorre (apenas em 7 ocorrências) com *hanseníase*. O fato de a palavra *hanseníase* aparecer desvinculada da palavra *lepra* nos textos evidencia que *hanseníase*, em 2000, já estava consolidada no léxico do português brasileiro e, por isso, não havia necessidade de defini-la por meio da palavra *lepra*.

O Quadro 6 apresenta os colocados específicos de cada lista de 2000, isto é, os colocados que não se repetem nas listas.

Quadro 6. Diferenças entre as listas do *corpus* de *lepra* e *hanseníase* da década de 2000

LEPRA			HANSENÍASE		
	Nº de ocorrências	Lexemas		Nº de ocorrências	Lexemas
1			1		
2			2		
3			3		
4			4	5	PROGRAMA
5	36	HANSENÍASE	5		
6	33	PODER	5		
7	32	NOVO	5		
8			8	49	TUBERCULOSE
9	30	CAMPANHA	9		
10			10	46	MINISTÉRIO
11			11		
12			12	33	PACIENTE
12			13		
14	24	POLÍTICA	13	32	POPULAÇÃO
15			15	30	NÚMERO
15	22	TEMPO	15	30	AÇÃO
17	18	POBRE	17	29	DIA
18	19	CURA	18	26	AIDS
19	17	DOENTE	19	25	FALTA
19	17	REMÉDIO	19	25	ATENDIMENTO
20	16	HOSPITAL	21	24	NACIONAL
22	14	PELE	21	24	RECURSO
22	14	FIM	23		
24	12	DEMOCRACIA	24	21	MUNDIAL
25	11	COLÔNIA	25	20	PÚBLICO

Analisando os lexemas listados no Quadro 6, é possível verificar que, de fato, houve uma mudança, em relação à década de 1970, sobre a concepção

da doença. O que era visto como uma praga, sem cura, passa a ter um tratamento eficaz. O aparecimento do lexema CURA, na lista de *lepra* 2000 e o desaparecimento de VACINAÇÃO da lista de *hanseníase* 2000 dão indícios de que, na década 2000, a política de imunização da doença já havia alcançado sucesso e a cura já era considerada.

As figuras a seguir mostram os campos nocionais dos colocados de *lepra* e *hanseníase* na década de 2000, em busca de demonstrar a relação de sentido existente entre as palavras.

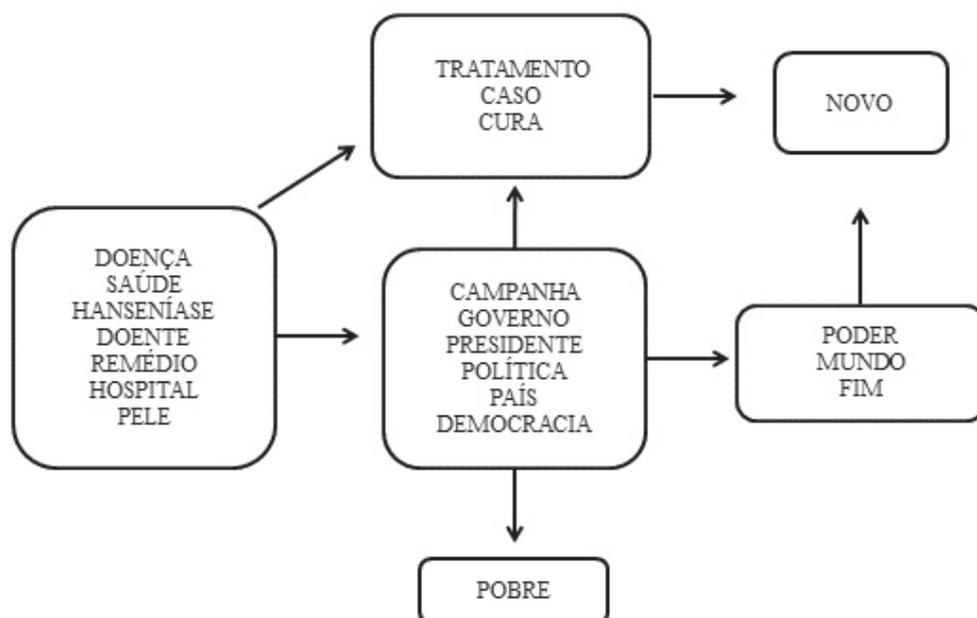


Figura 4. Campo nocional dos lexemas presentes em *Lepra* 2000

A Figura 4 apresenta campos nocionais que indicam responsabilidade governamental (CAMPANHA, GOVERNO, PRESIDENTE, POLÍTICA, PAÍS, DEMOCRACIA) e mudanças da concepção da doença, já que ela tem tratamento e cura, como indicam os lexemas CURA, TRATAMENTO e REMÉDIO. A Figura 5 também ilustra a concepção “positiva” por trás do uso de *hanseníase*:

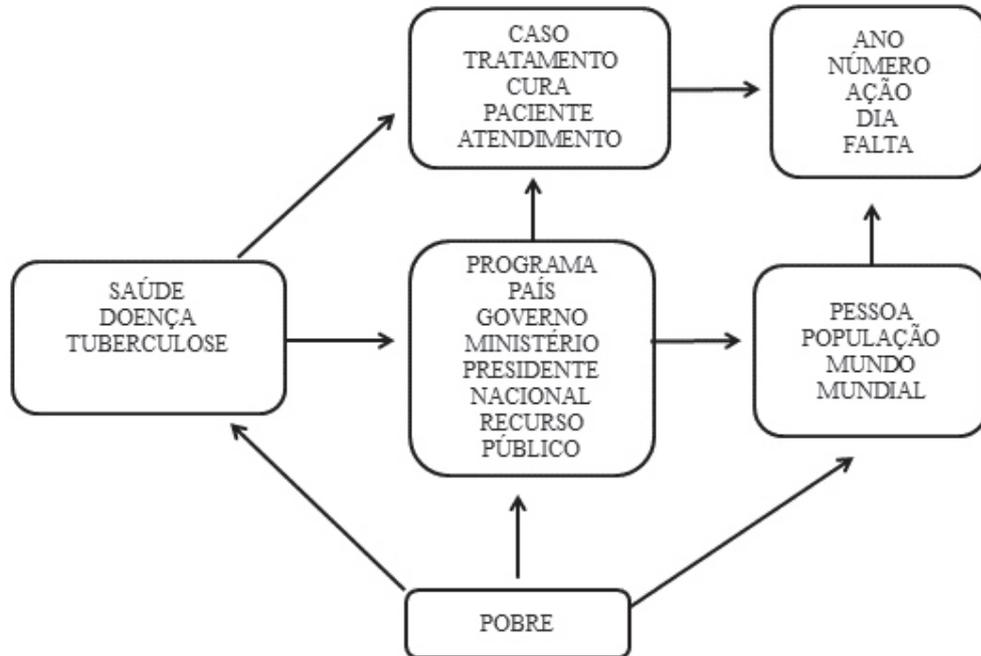


Figura 5. Campo nocional dos lexemas presentes em *Lepra 2000*

A Figura 5 mostra ainda um forte envolvimento do governo para com a causa. Os lexemas GOVERNO, PAÍS, PROGRAMA e MINISTÉRIO, por exemplo, dão evidência de que, em 2000, o Estado era colocado em pauta quando se falava da doença. Além disso, os lexemas CURA, PACIENTE, ATENDIMENTO e TRATAMENTO dão indícios de que houve aumento de investimentos no tratamento dos pacientes (não mais doentes, como no campo nocional de *lepra 2000*). Em síntese, pode-se dizer que as palavras e a relação entre elas indicam que na década 2000 a hanseníase já não era um problema de saúde pública no Brasil. A fim de se confirmar a hipótese linguística, buscaram-se argumentos extralinguísticos. De acordo com Moreira *et.al.* (2002, p. 70), “a Assembléia Mundial de Saúde estabeleceu, em 1991, a meta de eliminação da hanseníase como problema de saúde pública para o ano 2000, definindo eliminação como uma taxa de prevalência menor que um caso por 10.000 habitantes”.

A Figura 6 mostra o coeficiente de detecção de hanseníase nas regiões do Brasil entre os anos de 2003 e 2012.

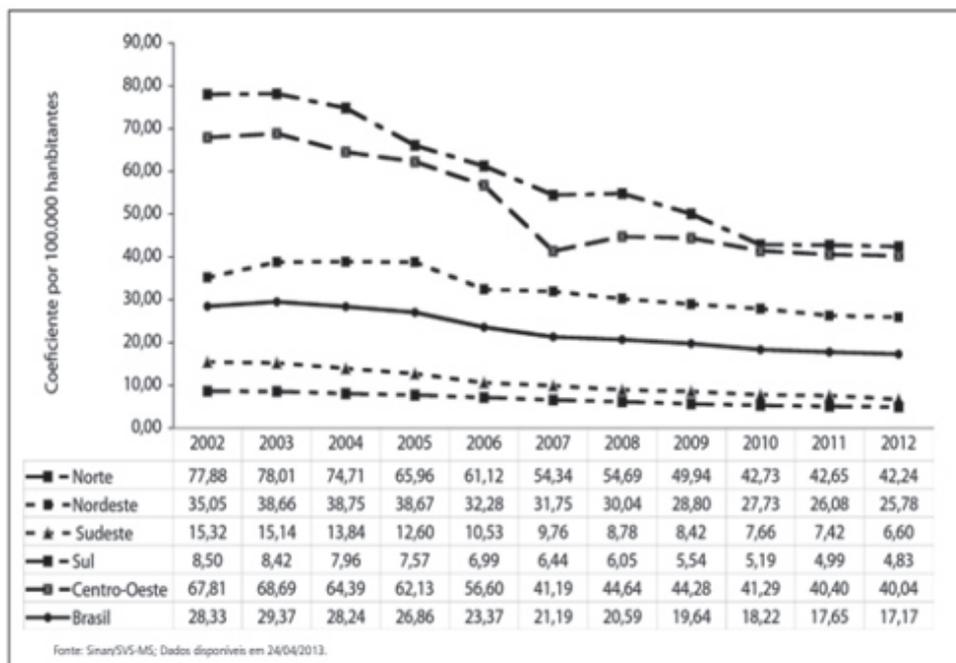


Figura 6. Coeficiente de detecção de hanseníase por 100 mil habitantes segundo regiões geográficas. Brasil 2003-2012

Fonte: <http://portal.arquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2014/junho/11/BE-2013-44--11----Hanseníase.pdf> 1969. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde.

Segundo a Figura 6, o número de pessoas com hanseníase diminuiu no período de 2003 a 2012. O contexto social da década de 2000 traz mais uma evidência de que nessa época já havia o controle da *hanseníase* no Brasil. Portanto, pode-se dizer que o contexto extralinguístico dialoga com os dados linguísticos, mostrando que o léxico dá evidências do contexto social, e o contexto social ajuda a entender o percurso do léxico de uma língua.

6. Considerações finais

A lexicologia sócio-histórica defende que a relação entre a sociedade e o léxico pode ser explicada por meio de questões linguísticas (neologismos, relações semânticas) e questões sociais, como o contexto político de uma determinada época. Assim, a palavra *hanseníase*, por exemplo, surgiria como concorrente da palavra *lepra*, em um momento em que se buscavam mudanças na realidade social.

A partir da análise de dados linguísticos retirados da Hemeroteca digital do Jornal do Brasil, foi possível esquematizar a mudança de percepção da doença no Brasil. A palavra *hanseníase* surgiu no contexto de busca por melhorias na saúde brasileira. Em meio às lutas, às leis, aos tratamentos, à cura, a palavra ganhou força e se encaixou perfeitamente no léxico do português.

Os resultados desta pesquisa dialogam com o pressuposto da lexicologia sócio-histórica e se afastam, de certa forma, dos pressupostos da lexicologia social de Matoré. Em síntese, os resultados aqui apresentados mostraram que não é possível explicar o léxico apenas pelos fatores sociais, pois as palavras fazem parte da língua e, portanto, é necessário considerar questões puramente linguísticas em um estudo lexicológico. Espera-se, portanto, que este trabalho ajude a fortalecer o argumento de que as relações lexicais estabelecidas na língua auxiliam no estudo do contexto social.

Referências

- Abbyy Fine Reader (1995). [S.l.]: version 14. Software.
- Alves, I. M. (2007). *Neologismo. Criação lexical* 3. São Paulo: Ática.
- Anthony, L. (2011). AntConc (Windows, Macintosh OS X, and Linux): Build 3.2.4. Disponível em: <http://www.antlab.sci.waseda.ac.jp/software/README_AntConc3.2.4.pdf>. Acessado em: 12 jul. 2017.
- Biderman, M. T. (1996). Léxico e vocabulário fundamental. *Alfa*, 40, 27-46. Disponível em: <<https://periodicos.flcar.unesp.br/alfa/article/view/3994/3664>>. Acessado em 25 abr. 2018.
- Biderman, M. T. (1998). Dimensões da palavra. *Filologia e Linguística Portuguesa*, 2, 81-118. Disponível em: <http://dlcv.fflch.usp.br/sites/dlcv.fflch.usp.br/files/Biderman1998_0.pdf>. Acessado em 12 jul. 2017.
- Bluteau, R. (1728). *Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico ...* Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu. 8 v. Disponível em: <<http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/1>>. Acessado em: 12 jul. 2017.
- Braga, J. C. S. & Paula, S. G. (1986). *Saúde e previdência, estudos de política social*. São Paulo: Hucitec.
- Cambraia, C. N. (2013). Da lexicologia social a uma lexicologia sócio-histórica: caminhos possíveis. *Revista Estudos Linguísticos*, 21(1), 157-188. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.21.1.157-188>>. Acessado em 12 jul. 2017.

- Cambraia, C. N. (2015a). Antineologismo. *Revista Estudos de Cultura*, 3, 65-74. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/revec/article/view/4775>>. Acessado em 12 jul. 2017.
- Cambraia, C. N. (2015b). Lexicologia e informação: um ensaio de quantificação. *Entretextos*, 15(2), 31-52. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5433/1519-5392.2015v15n2p31>>. Acessado em 12 jul. 2017.
- Cançado, M. (2015). *Manual de semântica: noções básicas e exercícios*. Belo Horizonte: Editora da UFMG.
- Carvalho, K. A. (2015). Discussões em torno da reconstrução do significado da lepra no período pós-sulfônico, Minas Gerais, na década de 1950. *Hist. cienc. saúde-Manguinhos*, 22(2), 541-558. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v22n2/0104-5970-hcsm-2014005000026.pdf>>. Acessado em 12 jul. 2017.
- Cordeiro, J. M. (2009). Anos de chumbo ou anos de ouro? A memória social sobre o governo Médici. *Estudos Históricos*, 22, 85-104. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-21862009000100005>>. Acessado em 12 jul. 2017.
- Coseriu, E. (1967). *Das Phänomen der Sprache und das Daseinsverständnis des heutigen Menschen*. Die Pädagogische Provinz, n. 1-2, 11-28. Disponível em: <<http://www.ronling.uni-tuebingen.de/coseriu/publi/coseriu38.pdf>>. Acessado em: 12 jul. 2017.
- Costa, M. A. (2012). Estruturalismo. In M. E. Martelotta (Org.), *Manual de Linguística* (pp. 113-126). São Paulo: Contexto.
- Contente, M. & Lino, M. T. R. (2017). A neologia - reflexão sobre a variação e a instabilidade conceptual. *Atas do V Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa* (pp. 701-709). Disponível em: <<http://siba-ese.unisalento.it/index.php/dvaf/article/view/17819>>. Acessado em: 27 abr. 2018.
- Faraco, C. A. (2005). *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Geckeler, H. (1976). *Semántica estructural y teoría del campo léxico*. Madrid: Gredos.
- Geraerts, D. (2010). *Theories of lexical semantics*. Oxford; New York: Oxford University Press.
- Gordon, W. T. (1982). *A history of semantics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Jordan, I. (1973). *Introdução à linguística românica*. Lisboa: Calouste Gulbekian.
- Matoré, G. (1953). *La méthode en lexicologie: domaine français* (2ª ed. ampl.). Paris: Didier.
- Moreira, T. M. A. et al. (2002). Hanseníase na atenção básica de saúde: efetividade dos treinamentos para os profissionais de saúde no Estado do Rio de Janeiro. *Hansen. Int.*, 27(2), 70-76. Disponível em: <http://www.ilsl.br/revista/detalhe_artigo.php?id=10633>. Acessado em: 12 jul. 2017.
- Paiva, C. H. A. & Teixeira, L. A. (2014). Reforma sanitária e a criação do Sistema Único de Saúde: notas sobre contextos e autores. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*,

21(1), 15-35. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702014000100002>>. Acessado em 12 jul. 2017.

Pottier, B., Audubert, A., Pais, C. T. (1972). *Estruturas linguísticas do português*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro.

Rezende, R. M. & Paula, M. H. (2016). Lematização no 'Glosário regional' da obra Estudos de dialetologia portuguesa: linguagem de Goiás – 1944. In A. F. Neves, M. H. Paula, P. H. R. Anjos, J. L. Bernardo & M. G. G. Pires (Orgs), *Estudos Interdisciplinares em Humanidades e Letras* (pp. 495-509). São Paulo: Blucher.

Robin, R. (1977). *História e linguística*. São Paulo: Cultrix.

Santos, V. S. (2003). Pesquisa documental sobre a história da hanseníase no Brasil. *Hist. cienc. saúde-Manguinhos*, 10(1), 414-426. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702003000400019>>. Acessado em 12 jul. 2017.

Spencer, N. C. W. (1961). Linguistic fields, conceptual systems and the *Weldbild*. *Transactions of the Philological Society*, 60(1), 87-106. Disponível em: <<https://doi.org/10.1111/j.1467-968X.1961.tb00988.x>>. Acessado em 12 jul. 2017.

Sitografia

Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/>>. 12 jul. 2017.

Fontes:

Bíblia. (1985). *A Bíblia de Jerusalém*. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus.

Lei nº 9.010, de 29 de março de 1995 (Brasil).

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva. (CD-ROM)

[recebido em 30 de novembro de 2017 e aceite para publicação em 17 de maio de 2018]